



Departamento de Letras  
Instituto de Ciências Humanas e Letras  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –  
CEP 317131-001 - Brasil

## A problematização da história em romances pós-modernos: vozes marginais em “Ardente Paciência” e “Dias e Dias”

Jozieli Camila Cardenal

Centro Universitário de Pato Branco - UNIDEP

Wellington Ricardo Fioruci

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

### Resumo

A partir da presente análise comparatista, apontaremos os principais aspectos literários que caracterizam os romances “Ardente Paciência” (1985), do chileno Antonio Skármeta, e “Dias e Dias” (2002), da brasileira Ana Miranda. São obras pós-modernas que dialogam a um só tempo com a história da América Latina e com a sua tradição literária, uma vez que revisitam importantes momentos da memória de Brasil e Chile. Ao associarem ficção e realidade, por meio dos Pablo Neruda e Antonio Gonçalves Dias, os autores deram voz a grupos marginalizados e redimensionaram o passado literário das suas nações, explorando o caráter social, político e contestatório inerente à Literatura. Assim, este artigo traz duas perspectivas marginalizadas: os personagens Feliciano (Dias e Dias) e Mario (Ardente Paciência).

**Palavras-chave:** Literatura. Pós-modernismo. Marginalização. América Latina.

Submetido em: 13/07/2021

Aceito em: 24/11/2021

Publicado em: 30/12/2021



Departamento de Letras  
Instituto de Ciências Humanas e Letras  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –  
CEP 317131-001 - Brasil

## Jozieli Camila Cardenal



Jornalista, professora e doutoranda em Desenvolvimento Regional, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR. Estuda a construção social de gênero enquanto fenômeno sócio-histórico. Propõe uma cartografia etnográfica sustentada pela perspectiva decolonial associada às categorias de desenvolvimento, pioneirismo e gênero. Investiga a contribuição da mulher pioneira e migrante no desenvolvimento local. Possui mestrado em Desenvolvimento Regional (UTFPR, 2018), cuja dissertação associa estudos da linguística à concepção do espaço público urbano, demonstrando a materialidade de discursos na construção social de enunciados. Para tanto, baseia-se na teoria da análise dialógica do discurso de Mikhail Bakhtin. Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela Faculdade de Pato Branco - FADEP (2010). Possui pós-graduação em História, Arte e Cultura, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG (2013). Na graduação e na especialização, desenvolveu estudos sobre a manifestação da contracultura em mídias alternativas. Possui, ainda, pós-graduação em Docência no Ensino Superior (FADEP, 2018). Professora do Centro Universitário de Pato Branco (UNIDEP). Membro da Comissão de Pesquisa e responsável titular pela área de Ciências Sociais Aplicadas. Docente no curso de Comunicação Social - Habilitação em Publicidade e Propaganda. Leciona disciplinas de processo criativo, semiótica aplicada, cultura brasileira, história da comunicação, cibercultura, linguagem para web, relações públicas e trabalho de conclusão de curso. Docente responsável pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação, Cultura e Sociedade (GEPCOM-UNIDEP) e membro do Centro de Pesquisa e Apoio ao Desenvolvimento Regional (CEPAD-UTFPR).



<http://lattes.cnpq.br/0515992624021547>



<https://orcid.org/0000-0003-4385-4375>



[Programa de Pós-Graduação em Letras - UTFPR](#)



Departamento de Letras  
Instituto de Ciências Humanas e Letras  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –  
CEP 317131-001 - Brasil



**Wellington Ricardo Fioruci**

Possui doutorado (2007) em Letras pela UNESP-Assis na área de Literatura Comparada. Concluiu estágio de pós-doutoramento na UFRGS (2015), com projeto sobre Literatura e Cinema. É professor de literatura no curso de Letras e participa do Programa de Pós-graduação em Letras da UTFPR câmpus Pato Branco, atuando na linha de estudos Literatura, Sociedade e Interartes. Faz parte do Grupo de Pesquisa Narrativas Estrangeiras Modernas da UNESP, câmpus de Assis, e do Grupo de Investigação em Identidade(s) e Intermedialidade(s) da Universidade do Minho (Portugal). É líder do Grupo de Pesquisa GELCON da UTFPR câmpus Pato Branco. Organizou os volumes *Vestígios de memória: diálogos entre literatura e história* (2012) e *Correspondências: literatura e cinema* (2015), ambos pela editora CRV, *Confluências transatlânticas: narrativa contemporânea ibérica e ibero-americana* (2021), pela editora Mercado de Letras, e *Literaturas em comparação: estudos da tradução e interartes* (2021), pela Pontes editores.



<http://lattes.cnpq.br/9190152138893605>



<https://orcid.org/0000-0002-2338-7573>



Programa de Pós-Graduação em Letras - UTFPR



Estudos de literatura contemporânea: comparatismo, tradução e interartes



## A PROBLEMATIZAÇÃO DA HISTÓRIA EM ROMANCES PÓS-MODERNOS: VOZES MARGINAIS EM “ARDENTE PACIÊNCIA” E “DIAS E DIAS”

Jozieli Camila Cardenal (Centro Universitário de Pato Branco - UNIDEP)<sup>1</sup>

Wellington Ricardo Fioruci (Universidade Tecnológica Federal do Paraná)<sup>2</sup>

### Introdução

A literatura contemporânea vem acompanhando à sua maneira os diversos processos de transformação histórica que marcaram o século XX, em especial, no que diz respeito à poética pós-moderna, discurso de vital relevância na produção literária contemporânea. Referimo-nos aqui ao movimento tanto estilístico quanto conceitual que oportunizou o distanciamento da narrativa clássica, tendo como um de seus alicerces o questionamento das metanarrativas produzidas por discursos reconhecidos como “oficiais”, como alertava Jean-François Lyotard (2011) na década de 1970. Esse “pós-modernismo contestatório” (Santos, 1995), que bebe nas fontes da contracultura e investe no debate com viés social, também deixou marcas na literatura, além de outros discursos artísticos e não-artísticos, posto que dá voz e corpo a grupos marginalizados.

Diante disso, o presente artigo apontará as principais características desse movimento literário, que propicia a releitura do passado ao explorar os limites entre realidade e ficção de modo inovador, lançando mão de estratégias metaficcionalis. Para tanto, a partir do método comparatista, serão analisadas duas obras que retratam o

---

<sup>1</sup> E-mail: [jozieli.cardenal@unidep.edu.br](mailto:jozieli.cardenal@unidep.edu.br)

<sup>2</sup> E-mail: [fioruci@utfpr.edu.br](mailto:fioruci@utfpr.edu.br)



contexto social da América Latina: “Ardente Paciência”<sup>3</sup> (1985), do chileno Antonio Skármeta, e “Dias e Dias” (2002), da brasileira Ana Miranda.

Ao retratarem momentos importantes da vida de Pablo Neruda e de Antonio Gonçalves Dias, as duas obras tornaram-se exemplos da metaficção historiográfica, tal como é proposta por Linda Hutcheon (1991), pois o enredo ficcional em que os dois poetas são inseridos, revisitam momentos importantes na história da América Latina, especialmente no que se refere a Brasil e Chile.

No caso de Dias e Dias, ao resgatar os principais momentos biográficos de Gonçalves Dias, da infância até a sua morte, a autora propicia um novo olhar sobre o Brasil do século XIX. Afinal, o que, num primeiro momento, refere-se basicamente a uma história de amor platônico e ingênuo, narrado em primeira pessoa pela personagem ficcional Feliciano, na verdade revela-se como uma história que propõe diversas reflexões sobre a sociedade brasileira e seus grupos marginalizados.

Dias e Dias apresenta diferentes perspectivas de movimentos favoráveis e contrários à Independência do Brasil, bem como de aspectos inerentes à colonização brasileira, como a exploração comercial portuguesa e a problemática da herança étnica de filhos mestiços, oriundos de relacionamentos entre portugueses e mulheres negras, descendentes de escravos ou de índios. Ana Miranda mostra, ainda, a atuação de Gonçalves Dias no reconhecimento da cultura indígena brasileira, expondo traços de um Brasil colonizado e tomado por preconceitos étnicos, raciais e culturais. A autora dá novo fôlego à voz contundente do escritor romântico, como já havia demonstrado Antonio Candido (2000) em sua leitura da obra Meditação de Gonçalves Dias.

<sup>3</sup> O título original do livro, “Ardiente paciência”, refere-se à primeira publicação, em 1985. Hoje, a obra é popularmente conhecida como “O carteiro e o poeta” ou “O carteiro de Neruda”, o que justifica a publicação em inglês com o título “The postman”, o carteiro. A mudança também foi popularizada a partir do filme “O carteiro e o poeta”, baseado na obra e lançado em 1994.



A história narrada por Antonio Skármeta (1985), por sua vez, é muito mais recente e o contexto social descrito foi vivenciado pelo próprio autor, que escreveu *Ardente Paciência* enquanto esteve exilado na Alemanha. Isso porque Skármeta integra a lista de artistas e ativistas que saíram do Chile após o golpe militar de 1973, quando o general Augusto Pinochet assumiu a presidência do País através de golpe de Estado, o que durou dezessete anos. Quando *Ardente Paciência* foi lançado, em 1985, Pinochet ainda estava no poder, o que reforça o caráter contestador da obra, que tem na figura de Pablo Neruda um exemplo de escritor que elevou o reconhecimento da Literatura Latina, ao receber o Nobel de Literatura em 1971, que deu voz a grupos marginais e, enquanto ativista político, sofreu represálias do regime ditatorial.

Mas, para explorar esse contexto, Skármeta lança um novo olhar sobre os últimos três anos da vida de Neruda a partir da amizade fictícia entre o poeta e o jovem carteiro Mario. O personagem, embora seja fruto da imaginação do autor, representa milhares de jovens chilenos, que foram “libertados” e “desalienados” da obscuridade e repressão ditatoriais a partir do momento em que tiveram acesso aos livros, demonstrando assim o caráter social e ideológico da Literatura.

Dessa forma, o presente artigo busca problematizar a presença da história em romances pós-modernos, a partir da perspectiva de vozes marginais inseridas em *Ardente Paciência* e em *Dias e Dias*, por meio da análise de importantes aspectos do pós-modernismo na produção literária contemporânea da América Latina. Assim, inserindo-se no caudaloso espaço da produção literária contemporânea da América Latina, a pós-modernidade também representou um novo quadro criativo e a renovação da literatura produzida no continente, contribuindo assim para enfraquecer o discurso monolítico das histórias latino-americanas (Coutinho, 2003, p. 81-82), especialmente aquelas inspiradas em discursos artísticos eurocentristas, instituídos pela perspectiva colonial.



Ao propor essa temática, este estudo demonstra, portanto, por que Brasil e Chile fazem parte de um contexto histórico, social e literário que ainda almeja reconhecimento e valorização, traços que, infelizmente, persistem e que resultam da herança imposta (e proposta) pela colonização. Analisar tal realidade representada na Literatura não apenas demonstra o caráter ideológico da mesma, como também permite uma relevante reflexão sobre a sociedade atual.

Para tanto, este artigo apresenta a seguinte organização teórica e metodológica: a) a utilização da Literatura Comparada como método abre a discussão teórica proposta, a partir da visão de Eduardo Coutinho (2003); b) a presença do pós-modernismo na Literatura, pontuada pelo diálogo entre Altamir Botoso (2011), Linda Hutcheon (1991), Perry Anderson (2007) e Silviano Santiago (2000, 2002); c) na sequência, a atuação da literatura no reconhecimento de grupos marginais, elucidada por Linda Hutcheon (1991) e Boaventura de Souza Santos (2004). Por fim, a análise comparatista de Ardente Paciência e Dias e Dias, na concepção pós-moderna, será apresentada como concretude do debate teórico estabelecido a partir da temática proposta.

## 1 Literatura Comparada na análise de obras latino-americanas

Ao observar a função da Literatura Comparada na América Latina, percebe-se que o etnocentrismo esteve presente na concepção de “Literatura Latino-Americana” e de “Comparatismo”, especialmente na fase inicial dessa disciplina, no século XIX, quando o processo colonialista vigente interferia de forma direta na economia e na cultura local. Assim, devido à pluralidade cultural latino-americana, o comparatismo marcou presença, inclusive, nas reflexões sobre a identidade do próprio continente (Coutinho, 2003, p. 11).



A busca pelo diálogo em pé de igualdade com esferas internacionais, em relação à produção da América Latina e ao reconhecimento da produção oriunda das margens, ganhou força em meados do século XX, em virtude de correntes como o pós-colonialismo, bem como pela episteme pós-moderna, conforme aponta Coutinho (2003, p. 103-104).

A presença da conceituação teórica do pós-modernismo na produção literária contemporânea chegou à América Latina apenas nos anos de 1980, pois até então estava restrita à América do Norte e à Europa Ocidental (Coutinho, 2003, p. 103-104). Assim, há duas vertentes teóricas: aquela que encara Borges e Garcia Márquez como referências do movimento e reconhecem a América Latina como “berço do Pós-Modernismo”; e, do outro lado, há a postura etnocêntrica que rejeitam a relação do termo à literatura e às artes latino-americanas (Coutinho, 2003, p. 103-104).

A dimensão e a multiplicidade do comparatismo na atualidade se deram, justamente, na contribuição de diversas correntes teórico-críticas na segunda metade do século XX. Essa abertura deu espaço, sobretudo, não apenas a literaturas consideradas periféricas, mas também àquelas produzidas e situadas no chamado “Terceiro Mundo”. De toda forma, na literatura com viés comparatista, não mais como única fonte de interesse instituída por cânones elitistas, a investigação histórica não objetiva registrar fatos mas, sim, construir textos que tragam aspectos do passado e experiências do presente – assim, a história literária aproxima a história da ficção e, sobretudo, dá voz a culturas e etnias marginalizadas (Coutinho, 2003, p. 81).

Nesse sentido, a América Latina marca presença no comparatismo – contudo, a prática de comparar autores, obras e movimentos, faz parte da história do continente a partir de um sistema desigual e hierárquico, uma vez que textos reconhecidos como “fontes primárias”, concebidos como referenciais para a comparação, constituem-se, preferencialmente, como obras europeias ou norte-americanas, já que textos latino-





americanos recebiam caráter secundário – postura oriunda das práticas comparatistas tradicionais (Coutinho, 2003, p. 18-19).

Observa-se, portanto, que a subordinação social, cultural, econômica e política, também aparece na Literatura. Por isso, o presente artigo propõe analisar duas obras latino-americanas, evidenciando a importância de examinar essa produção literária a partir da perspectiva pós-moderna, como será explanado a seguir.

## **2 A presença do pós-modernismo na literatura e o reconhecimento de grupos marginais**

O pós-modernismo inserido nas manifestações artísticas é reconhecido por Altamir Botoso (2011, p. 96) como “[...] um fenômeno histórico-cultural que, sucedendo a modernidade, inicia-se em torno de 1960”. Contudo, nem todas as obras contemporâneas possuem traços pós-modernos. Neste artigo, trataremos das indagações e inquietações que esse movimento incutiu especialmente na Literatura da América Latina, uma vez que possibilitou espaço à heterogeneidade literária, oportunizando uma releitura do passado (Botoso, 2011, p. 97). Tal característica demonstra que o pós-modernismo “[...] não nega o passado, mas vai um pouco mais além, contestando e propondo uma revisão e uma revalorização do modernismo”, (Botoso, 2011, p. 96).

Esse movimento propõe, na verdade, uma ruptura com as metanarrativas e com certos discursos centrais racionalistas tidos como balizadores dos saberes, no que tange à produção literária, bem como a sociedade retratada na narrativa pós-moderna (Botoso, 2011, p. 102). Sendo assim, a partir da influência do pós-modernismo na literatura, a metaficção historiográfica, descrita por Linda Hutcheon (1991, p. 126), confronta o passado buscando problematizar o presente. Ou seja, ao oportunizar que a literatura



dialogasse com a historiografia, tal perspectiva não propõe uma simples recuperação nostálgica da história (Hutcheon, 1991, p. 127), uma vez que problematiza e questiona discursos oficiais. Isso ocorre, pois:

Autoconscientemente, a metaficção historiográfica nos lembra que, embora os acontecimentos tenham mesmo ocorrido no passado real empírico, nós denominamos e constituímos esses acontecimentos como fatos históricos por meio da seleção e do posicionamento narrativo. E, em termos ainda mais básicos, só conhecemos esses acontecimentos passados por intermédio de seu estabelecimento discursivo, por intermédio de seus vestígios no presente. (Hutcheon, 1991, p. 131)

Ao dar espaço inclusive para o autor, que por vezes demonstra autoconsciência diante da narrativa em construção, o pós-modernismo demonstra diversas faces da produção literária, problematizando o fato de que a própria linguagem, da mesma forma que discurso histórico, está em constante construção. Assim, o narrador pós-moderno definido por Silviano Santiago (2002, p. 56) mantém-se anacrônico e consciente de que sua narrativa provavelmente terá pouca utilidade diante dos padrões estabelecidos mas, ainda assim, reconhece que “[...] olhar e palavra se voltam para os que dela são privados” (Santiago, 2002, p. 56), em que “a literatura pós-moderna existe para falar da pobreza da experiência, dissemos, mas também da pobreza da palavra escrita [...] trata-se, portanto de um diálogo de surdos e mudos”, (Santiago, 2002, p. 56).

Sendo assim, obras pós-modernas propiciam que demandas marginais sejam pautadas. Nesse sentido, colocam em pauta o direito à arte, apontando que alguns grupos sociais sequer têm acesso a esta, nas mais variadas manifestações artísticas. Essa problematização, no contexto histórico-social narrado, aparece na junção entre realidade e ficção, evidenciando formas de exclusão e provocando reflexões sobre questões de caráter social que promovem desigualdades (Hutcheon, 1991, p. 123).



Portanto, o pós-modernismo na literatura representa, sobretudo, um despertar para o discurso histórico – que, na produção literária, torna-se plural e oportuniza a participação popular na medida em que é revisitada, podendo, inclusive, ser reescrita. Afinal, o “revival pós-moderno”, conforme aponta Perry Anderson (2007, p. 219), configura-se como tentativa “[...] de nos acordar para a história, em um tempo em que morreu qualquer senso real dela”. Nesse sentido, questões periféricas e injustiças ganham espaço:

Ditaduras militares, assassinatos raciais, vigilância onipresente, guerra tecnológica e genocídio programado. O persistente pano de fundo da ficção histórica do período pós-moderno está nos antípodas de suas formas clássicas. Não a emergência da nação, mas as devastações do império; não o progresso como emancipação, mas a catástrofe iminente ou consumada. (Anderson, 2007, p. 219)

Outra característica que possibilita tal abordagem é o posicionamento do narrador pós-moderno, que, ao contrário do narrador clássico, não possui lugar centralizador na obra. Nessa perspectiva, o narrador lança o olhar para os personagens, assumindo papel de espectador juntamente com o leitor, permitindo, assim, que diversas experiências sejam exploradas (Santiago, 2002, p. 51). Afinal, o narrador não está mais fixo à figura de protagonista e se aventura em outros contextos; em histórias que, muitas vezes, não pertencem a ele, tampouco ao seu local de origem. Como um intérprete, ele tira impressões da experiência do outro e, sensibilizado pela história alheia, assimila e reflete sobre tais vivências – oportunizando, assim, uma contextualização diante da atualidade.

Dessa forma, novas percepções são instigadas, sobretudo no que diz respeito ao “[...] poder de totalização e os modelos de história contínua” (Hutcheon, 1991, p. 132). Ou seja, versões acabadas e definitivas da história, como se a mesma não permanecesse em contínua construção, perdem força. Nesse sentido, conforme enfatiza Hutcheon (1991), obras pós-modernas:



[...] contestam o direito da arte no sentido de afirmar que insere valores atemporais universais, e o fazem por meio da tematização e até da encenação formal da natureza de todos os valores que depende do contexto. Elas também desafiam a individualidade e a unidade narrativas em nome da multiplicidade e da disparidade. Por meio da narrativa, elas apresentam uma corporalidade fictícia em vez de abstrações, mas ao mesmo tempo realmente tendem a fragmentar, ou ao menos instabilizar, a tradicional identidade unificada ou subjetividade de caráter. (Hutcheon, 1991, p. 123)

A análise aqui proposta demonstra o caráter interdisciplinar do pós-modernismo, bem como sua relação com o pós-colonialismo diante dos questionamentos sobre as desigualdades vividas por grupos marginais. Tal evidência ocorre, na visão de Boaventura de Souza Santos (2004, p. 08), pois, embora o colonialismo tenha findado enquanto relação política, não houve “[...] o fim do colonialismo enquanto relação social, enquanto mentalidade e forma de sociabilidade autoritária e discriminatória” (Santos, 2004, p. 08). Essa perspectiva é evidenciada tanto para o colonizador, como para o povo colonizado, que acaba disseminando as diferenças e desigualdades, uma vez que padrões de discriminação social ainda vigoram nas sociedades ocidentais (Santos, 2004, p. 08-09).

Portanto, o empoderamento do discurso pós-moderno voltado às margens não visa – ao menos não deve visar – que os grupos marginalizados ocupem o centro. Essa é, nas palavras de Hutcheon (1991, p. 94), uma “[...] armadilha da inversão e da valorização do outro”, pois o que deve ser buscado, na verdade, é o reconhecimento de discursos renegados, uma vez que a sociedade pós-moderna deve ser encarada como plural e provisória – o que é retratado, por sua vez, também na literatura.

Com efeito, de acordo com Coutinho (2003, p. 110), as principais características presentes no texto literário pós-moderno, que auxiliam na identificação e na aplicação do método comparatista, são: a) presença da mídia extraliterária; b) acentuação da fragmentação e da polifonia de vozes narrativas; c) pastiche substituindo a paródia da



narrativa; d) consciência hiperbólica do texto; e) ecletismo estilístico; f) retomada de textos do passado; g) intertextualidade; h) tratamento parodístico; i) e metalinguagem. Veremos boa parte dessas características na análise a seguir, especialmente no que se refere à intertextualidade e à metalinguagem, a partir do diálogo proposto entre as vozes marginais apresentadas nas obras comparadas.

### 3 Análise comparatista de *Ardente Paciência* e *Dias e Dias*: uma perspectiva pós-moderna

Dentre os aspectos retratados em *Ardente Paciência*, relativos aos últimos anos de vida de Pablo Neruda, entre 1970 e 1973, estão a indicação do escritor a candidato à presidência do Chile (1970), sua participação como representante do governo de Salvador Allende (1970-1973), sua posição política enquanto embaixador em Paris (1971) e a obtenção do Prêmio Nobel de Literatura (1971). O prelúdio da ditadura de Augusto Pinochet, instaurada em 11 de setembro de 1973, e a presença do deputado Cristián Labbé, personagem histórico e figura política do golpe militar, também são marcantes na obra. A morte de Neruda, em 23 de setembro de 1973, encerra o livro, seguida dos primeiros atos opressores do regime ditatorial direcionados ao protagonista do romance, o jovem carteiro Mario Jimenez.

Assim, o livro retoma a crise econômica, decorrente da falta de alimentos, que antecedeu o golpe militar, momento oportuno em que o deputado Labbé acusa “ [...] o governo de incapaz, de haver detido a produção e de provocar o maior desabastecimento da história do mundo [...]”, (Skármeta, 1985, p. 93). A crítica à alienação popular, que não demonstrava interesse ao debate sobre o momento social e político do Chile, também aparece na obra:



[...] devoravam gulosamente as imagens da telenovela “Simplesmente Maria”. E, quando depois de cada capítulo surgia na tela um iluminado militante do marxismo na sessão cultural denunciando o imperialismo cultural e as ideias reacionárias que os melodramas inculcavam em “nosso povo”, as mulheres desligavam a televisão e iam fazer tricô ou largavam uma mão de dominó. (Skármeta, 1985, p. 80)

No caso de Miranda (2002), a autora apresenta a vida de Antonio Gonçalves Dias e Feliciano a partir de seus nascimentos, datados de 1823 e 1824, respectivamente, revisitando um Brasil que deixou de ser colônia portuguesa e que alcançou a Independência da República no início do século XIX. Ao demonstrar que a Independência não era um movimento de unanimidade popular, Dias e Dias expõe a falta de credibilidade do imperador Dom Pedro I, uma vez que “[...] até os portugueses falavam em plena rua insultos contra o imperador desnaturado [...] Ah o seu forte é o namoro! Tão destro na tática do cupido!”, (Miranda, 2002, p. 36).

Outro ponto evidenciado na obra é o embate entre adeptos de movimentos nacionalistas contra simpatizantes de Dom João VI. Assim, a Guerra da Independência é narrada a partir de perseguições e conflitos entre brasileiros e portugueses, como neste devaneio de Feliciano:

[...] No dia 1º de agosto de 23 os nacionalistas entraram na vila, papai foi um dos que entraram a cavalo dando tiros para todo lado, ajudou a tocar fogo em casa de portugueses e amarrou as mãos de muitos insurgentes, ele podia ter matado o pai de Antonio, ou, meu Deus, podia ter matado a mãe de Antonio e Antonio morreria antes de nascer, nem posso pensar nisso. (Miranda, 2002, p. 41)

Iniciando o debate sobre o espaço dado a grupos marginalizados pelas duas obras, destaca-se a condição de Gonçalves Dias como filho mestiço. No livro, fica evidente que descendentes portugueses mestiços eram muito comuns no Brasil do início do século XIX. Ao se deparar com esse fato, o leitor conhece um Gonçalves Dias rejeitado pela esposa



legítima de seu pai, bem como pela sociedade, vítima de preconceito também na carreira, pelo fato de resultar de um Brasil colonizado. Isso aparece no trecho a seguir, quando a personagem Feliciano apresenta que:

Antonio era um menino compenetrado, estudioso, orgulhoso, o melhor para trepar nas árvores, para fazer armadilhas e passarinho, o mais rápido para nadar no lago, bom de luta, e muitas vezes lutava de murros com os meninos que o ofendiam como filho de português, filho espúrio, mestiço, esmurrava-os para defender sua mãe negra. (Miranda, 2002, p. 26)

Nesse sentido, observa-se que os personagens ficcionais de ambas as obras, tanto Feliciano quanto Mario, integram grupos marginalizados: ela, jovem de família tradicional e patriarcal, que vive condicionada pela desigualdade de gênero, pelos costumes e pelos preconceitos impostos pela sociedade machista e conservadora; ele, filho de pescador, nascido e criado em uma distante e humilde ilha do Oceano Pacífico, onde a maioria das pessoas não sabia ler nem escrever e a energia elétrica tardou a chegar.

No caso de Mario, o carteiro do romance de Skármeta (1985), salta aos olhos do leitor quando o personagem passa a perceber que é capaz de ir além das cartas que entrega, consciência desperta a partir do momento que cria o hábito de ler. No trecho a seguir, o jovem carteiro pede ajuda a Neruda para conquistar o seu grande amor, Beatriz:

– Poeta e companheiro – disse decidido. – O senhor me enfiou neste embrulho e o senhor daqui vai me tirar. O senhor me deu livros seus livros de presente, me ensinou a usar a língua para algo mais que pregar selos. O senhor tem culpa de que eu me tenha apaixonado. (Skármeta, 1985, p. 67)

Já Feliciano, a jovem condicionada à realidade do contexto familiar e social em que estava inserida, embora tivesse aptidão e interesse à leitura, era proibida de ler certos livros, pois Natalícia, personagem que cuida da sua educação, tinha a seguinte postura:



[...] Natalícia pôs fim ao livro antes que eu abrisse a primeira página, porque a leitura de romances deixava as moças doentes, encorajava a imoralidade, os romances eram silenciosos instrutores na arte da intriga, disse Natalícia, os romances faziam as moças ficar incapazes de cumprir suas obrigações [...] e determinadas a se tornar as mesmas heroínas que só existiam no papel. (Miranda, 2002, p. 25)

No decorrer de *Ardente Paciência*, Mario não somente conhece os poemas de Neruda, como também passa a escrever seus próprios versos, uma vez que “Dom Pablo” ensina o jovem a fazer metáforas com coisas do seu cotidiano. Isso se torna muito presente na vida de Mario, até chegar ao ponto de o jovem associar a sua vida à poesia. O recorte abaixo demonstra o carteiro no seu segundo ofício, o de cozinheiro, quando ele relaciona poemas lidos nos livros de Neruda, suas famosas e telúricas odes, às receitas que precisa realizar:

Às metáforas do poeta, que continuou cultivando e memorizando, agora se reuniam alguns comestíveis que o sensual vate havia celebrado em suas obras: cebolas (redondas rosas de água), alcachofras (vestidas de guerreiros e brunidas como granadas), congros (gigantes enguias de nevada carne), alhos (marfins preciosos), tomates (rubras vísceras, frescos sóis), azeites (pedestal de perdizes e chave celeste da maionese), batatas (farinha da noite), atuns (balas do profundo oceano, enlutadas flechas), cerejas (pequenos cálices de âmbar dourado), maçãs (plenas e puras maçãs cor de arrebol do rosto da aurora), sal (cristal do mar, olvido das ondas) [...]. (Skármeta, 1985, p. 78-79)

Nesse sentido, tanto a poesia e a presença de Neruda, quanto de Gonçalves Dias, representam a possibilidade de novas perspectivas aos personagens ficcionais. No caso de Feliciano, em *Dias e Dias*, a personagem revela que manter a lembrança de Antonio em sua vida, significa uma forma de desviar do futuro que lhe aguardava: “A vida que me esperava era a mesma vida de Natalícia, eu olhava os dias e dias de sua vida e sentia vontade de me desviar daquilo [...]”, (Miranda, 2002, p. 59).





Em passagens como essa, fica evidente que o conformismo de Feliciano, que passa boa parte da vida almejando um destino improvável, ao lado de Antonio, é, na verdade, uma ironia da autora. A jovem, na verdade, é idealista e não se anula diante da realidade e dos padrões que lhe foram impostos, demonstrando inquietação diante da condição social das mulheres de sua época. Afinal, “[...] minha vida se tornava desgraçada sem a sua lembrança e tudo o mais era esquecimento, pensar em Antonio<sup>4</sup> era viajar na minha imaginação [...]”, (Miranda, 2002, p. 77).

Os personagens ficcionais também entram em contato com versos reais dos poetas de sua contemplação, o que também colabora para construir as narrativas históricas. Nas duas obras, a presença da intertextualidade, especialmente no tange à autorreferencialidade de versos de Neruda e Gonçalves Dias, demonstra a estratégia dos autores que, ao utilizarem esse recurso, atualizam a produção literária dos dois poetas, recontextualizando-as. Na passagem a seguir, o carteiro argumenta com Neruda, alegando que o mesmo não pode se negar a ajudá-lo com Beatriz, uma vez que, em certo poema, o mesmo declarou ser um “poeta casamenteiro”.

– O senhor tem de me ajudar, porque o senhor mesmo escreveu: “Não gosto de casa sem telhado, a janela sem vidros. Não gosto do dia sem trabalho e a noite sem sono. Não gosto do homem sem mulher, nem da mulher sem homem. Eu quero que as vidas se integrem acendendo os beijos até agora apagados. Eu sou poeta casamenteiro”. Espero que agora não vá me dizer que este poema é um cheque sem fundos! (Skármeta, 1985, p. 58-59)

<sup>4</sup> Feliciano refere-se a Gonçalves Dias sempre pelo primeiro nome do poeta, “Antonio”. Aqui, surge uma das possíveis conotações para o título do livro, uma vez que a expressão “dias e dias” pode referir-se não somente ao sobrenome de Antonio ou à passagem do tempo, como também é possível relacioná-la à existência de dois “Antonios”: o real e a persona inserida na trama ficcional criada por Ana Miranda.



Ainda nesse sentido, observa-se a função da metaficção historiográfica no reconhecimento do cenário político-social presente nas duas obras, o que se manifesta maiormente por meio da vida de seus protagonistas não ficcionais apresentada nos romances históricos. No caso da obra de Skármeta (1985), por exemplo, é possível conhecer a trajetória política de Pablo Neruda, como no episódio em que o poeta foi indicado a concorrer à presidência do Chile, em 1970, mas decidiu recusar para apoiar Salvador Allende, que se tornou presidente em 1971. Em *Ardente Paciência*, o anúncio de Neruda diante dessa passagem, tem um momento de destaque na obra, pelo olhar de Mario:

– Minha candidatura pegou fogo – disse o vate, cheirando este mar que também era sua casa. – Não havia lugar em que não me solicitassem. Cheguei a me comover com aquelas centenas de homens e mulheres da cidade que me apertavam, beijavam e choravam. Falava com todos eles ou lia minhas poesias. Às vezes em plena chuva, no barro das ruas e dos caminhos. Debaixo do vento austral que faz a gente tiritar. Ia me entusiasmado. Cada vez eu assistia mais gente nas minhas concentrações. Cada vez mais mulheres acudiam.

Os pescadores riram.

– Com fascínio e terror comecei a pensar o que ia fazer se eu se me saísse eleito presidente da República. Aí chegou uma boa notícia – o poeta estendeu o braço apontando os cartazes no caminhão. – Allende surgiu como candidato único de todas as forças da Unidade Popular. Antecipada a aceitação de meu partido, apresentei-me rapidamente à multidão, falando eu para renunciar e Allende para candidatar-se. (Skármeta, 1985, p. 55-56)

Na sequência, quando Neruda é nomeado embaixador de Paris, Mario também recebe a notícia do próprio poeta: “– Vê-se que está muito elegante, poeta [...] É que estou em ensaio geral. Allende acaba de me nomear embaixador de Paris”, (Skármeta, 1985, p. 75).

É possível observar, ainda, costumes e normas da sociedade em cada uma de suas épocas – mais um exemplo de metaficção historiográfica. No caso da obra de



Miranda (2002), o jovem poeta mestiço, Gonçalves Dias, escandalizava os costumes do século XIX, pois “[...] todos acompanhavam com o olhar a sua caminhada pela rua, ele escandalizava a comarca quando tirava do bolso um charuto e o acendia, fumava na rua seu charuto e bebia cerveja no Riacho da Ponte”, (Miranda, 2002, p. 120), afinal, “[...] era horrível beber e fumar em público”, (Miranda, 2002, p. 120).

Momentos íntimos narrados pelos personagens fictícios demonstram que os personagens históricos compõem o fio condutor da obra ficcional e, enquanto sujeitos humanos, assumem características comuns aos indivíduos de carne e osso, aproximando a narrativa literária do imaginário do leitor. Um exemplo está neste trecho de *Ardente Paciência*, em que Neruda surge em um momento de íntima descontração – que apenas seus amigos ou pessoas muito próximas poderiam presenciar:

E quando o poeta colocou a capa do disco em seus braços como lhe entregando a custódia de um recém-nascido, e começou a dançar agitando seus lentos braços de pelicano como os despenteados campeões dos bailes de bairro, marcando o ritmo com essas pernas que frequentaram a tepidez das coxas de amantes exóticas ou plebeias e que pisaram todos os caminhos possíveis da terra e aqueles inventados por sua própria gênese, adoçando os golpes da bateria com a trabalhosa mas decantada ourivesaria dos anos, Mario soube agora que vivia um sonho [...]. (Skármeta, 1985, p. 61)

Em mais um momento que aproxima o personagem histórico do ficcional, Neruda demonstra o sentimento que preserva perante a sua casa na Ilha Negra, pedindo um singelo favor ao amigo Mario, momento em que Skármeta (1985) revela um novo traço psicológico do poeta e, portanto, relaciona a ideia do personagem ficcional à figura histórica do homem real – abordagem proposta por estes romances históricos contemporâneos, cuja finalidade é aproximar o leitor dos fatores psicológicos que compõem a personalidade e a camada emotiva do personagem histórico. Assim, Skármeta (1985) cria a imagem de um Neruda que suplica:



[...] Quero que você vá com este gravador passeando pela Ilha Negra e grave todos os sons e ruídos que vá encontrando. Preciso desesperadamente, nem que seja o fantasma da minha casa. A minha saúde não anda nada bem. Sinto falta do mar. Sinto falta dos pássaros. Mande para mim os sons da minha casa [...]. (Skármeta, 1985, p. 88)

Miranda (2002) também usa desse recurso de metaficção historiográfica, apresentando ao leitor traços da personalidade do jovem Gonçalves Dias por meio do olhar íntimo de Feliciano, atenta às palavras que o poeta tecia em cartas, destinadas a outrem, mas que eram intermediadas pela protagonista:

Quando chegava perto de Antonio alguma endiabrada moça requebrando e seduzindo-o com palavras, com os gestos, com os olhos e com os modos, ele confessa numa carta que sentia um fluido elétrico a correr pela medula da sua coluna vertebral, então por que não sentiria isso também por mim?. (Miranda, 2002, p. 19)

Nesse sentido, Miranda (2002) utiliza a memória de Feliciano para revisitar o passado, demonstrando a intimidade e a subjetividade dos personagens, oportunizando ao leitor, na medida em que se depara com momentos importantes da vida de Gonçalves Dias, como a infância, o vislumbre diante de características pessoais da história do poeta:

Quando eu o conheci, Antonio já era um menino de indispensável melancolia no coração, já que todo emaranhado nos seus fios sutilíssimos, uma vez de noite eu o vi na praça, calado, olhando para um livro aberto no colo, debaixo do poste de luz de azeite porque não havia luz no seu quarto, ele nem tinha quarto e dormia numa rede na cozinha com as escravas, como disse Natalícia [...]. (Miranda, 2002, p. 52)

Observa-se, ainda, o uso da hipertextualidade como recurso narrativo, que oportuniza a contextualização de momentos históricos narrados, bem como apresentam diferentes perspectivas relacionadas aos personagens não ficcionais. No trecho a seguir,



Skármeta (1985) faz menção a outro texto, o poema “Volverán las oscuras golondrinas”<sup>5</sup>, de Gustavo Adolfo Bécquer, referenciado nesta passagem:

Fazia anos que Pablo Neruda não corria, mas agora sentiu a compulsão de se ausentar desta passagem com aquelas aves migratórias que Bécquer havia cantado com tanta doçura. Com a velocidade que lhe permitiam os anos e seu corpo, se distanciou em direção à praia levantando os braços ao céu. (Skármeta, 1985, p. 34)

Em *Dias e Dias*, a autorreferencialidade é diluída na narrativa, em primeira pessoa, pois a história é narrada a partir das lembranças de Feliciano. Assim, em diferentes momentos, o leitor precisa associar que certas frases que aparecem soltas no texto são, na verdade, trechos de poemas do autor, como neste exemplo:

Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá, as aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá,<sup>6</sup> sento no muro, cai uma chuva fina, ninguém no embarcadouro, só um bando de cachorros olhando-me curiosos, e os leões de pedra do palácio lá longe parecem mexer-se, frios os canhões, as ruas vazias da vila, as nuvens [...]. (Miranda, 2002, p. 234)

Em *Ardente Paciência*, um exemplo nesse sentido está na consagração de Neruda com o Prêmio Nobel de Literatura, em 1971; um dos momentos mais emocionantes do livro, quando Skármeta (1985) utilizou um trecho original do discurso do poeta:

[...] Venho de uma província obscura, de um país isolado dos outros por sua cortante geografia. Fui o mais abandonado dos poetas e minha poesia foi regional, dolorosa e chuvosa. Mas tive sempre confiança no homem. Não perdi nunca a esperança. Por isso cheguei aqui com minha poesia e minha bandeira. Concluindo, devo dizer a todos os homens de boa vontade, aos trabalhadores; aos poetas, que todo o porvir foi expressado nesta frase de Rimbaud: só com uma ardente paciência<sup>7</sup> conquistaremos

<sup>5</sup> Em português, o título do poema é “As andorinhas escuras retornaram” (tradução nossa).

<sup>6</sup> Trecho do poema “Canção do Exílio”, de autoria de Gonçalves Dias, publicada no livro “Primeiros Cantos”, de 1846.

<sup>7</sup> Esse trecho nos mostra que Skármeta (1985) retirou o título do livro do discurso de Neruda mencionado.



a esplêndida cidade que dará luz, justiça e dignidade a todos os homens. Assim, a poesia não terá cantado em vão. (Skármeta, 1985, p. 105)

Feliciano, por sua vez, enaltece a poesia de Gonçalves Dias, alegando que ele se inspirou nas belezas e na diversidade do país. Ela também revela de que maneira recebeu e decorou os versos escritos pelo poeta, como no trecho a seguir:

Decorei a composição, depois a seguinte, “O canto do guerreiro”, depois decorei “O canto do Piaga”, em seguida “O canto do índio” e a composição que fez para nossa comarca, Caxias, longa vida de amor em longos beijos, ele nos deixou a todos orgulhosos. O sangue em celeste arroubo, tudo inspirado em nossas terras [...]. (Miranda, 2002, p. 141)

Assim, Feliciano torna-se leitora das poesias de Antonio, especialmente da poesia indianista. Em certo momento, ela afirma que tem predileção à língua tupi, uma vez que a mesma “[...] é mais bonita do que a língua portuguesa e teria sido bom se a houvéssemos escolhido para a nossa língua-mãe, mas agora a despachamos, assim como o pai de Antonio, seu João Manuel, despachou a negra. [...]”, (Miranda, 2002, p. 31). Tal percepção por parte da protagonista de Dias e Dias é um avanço, uma vez que a jovem foi educada num contexto familiar em que:

[...] Quando os índios estavam na vila papai azeitava e municiaava suas espingardas  
[...] Ele dizia que os índios possuíam olhos por todo o corpo e armas escondidas debaixo dos panos, por dentro das calças curtas, que até as mulheres tinham armas escondidas debaixo das camisas, até mesmo as crianças. [...] (Miranda, 2002, p. 29)

Além de reconhecer a diversidade cultural por meio dos poemas de Gonçalves Dias, especialmente ao trazer versos do livro “Primeiros Cantos”, Feliciano também pontua de que forma Antonio “violava” a regra dos versos da gramática, pois:



O professor Adelino falou sobre o número de sílabas que “o Gonçalves” gostava de usar, das pausas, da rima consoante e toante, ali havia o segredo da musicalidade de grandes poetas, *nec pluribus impar*, falou da velha tradição da poesia portuguesa, dos árcades e que, embora o Gonçalves violasse as regras do verso e as da gramática, era um poeta dos melhores. (Miranda, 2002, p. 143)

Assim, Feliciano revela, com comoção, o caráter libertador presente na poesia de Gonçalves Dias – para ela, que passou a perceber o mundo de forma mais justa e igualitária; e para grupos marginalizados, como os índios, que passaram a ser descritos com respeito, de acordo com sua cultura, crença e diversidade:

Só descobri que eram belos os índios, seus adornos, seus costumes, quando li as composições de Antonio, “I-Juca-Pirama”, “Leito de folhas verdes”, “Marabá”, tão encantadoramente líricas, que falam do índio gentil, nos moços inquietos enamorados da festa, índios que às vezes são rudes e severos mas atendem meigos à voz do cantor, aprendi que mesmo o sacrifício da morte e do canibalismo é, Deus me perdoe, uma insígnia d’honra, percebi que eles sofrem, se enternecem, sentem fome, choram, receiam morrer [...]. (Miranda, 2002, p. 30)

Outro aspecto observado é que as duas obras propõem a desconstrução do estilo formal tradicional. Em Dias e Dias, Miranda (2002) rompe a estrutura e apresenta uma narrativa sem parágrafos, uma vez que as pausas ocorrem, somente, na transição entre os capítulos, dando a impressão de que o leitor está se deparando com os pensamentos de Feliciano no exato momento em que são lançados como memórias de uma vida inteira – aliás, Feliciano responde pela função, também, de narradora do romance histórico.

Já em Ardente Paciência, Skármeta (1985) utiliza a estrutura da palavra para apresentar a relação semântica e lexical de termos que Mario começa a reconhecer, uma vez que o personagem sonha em deixar de ser carteiro para se aventurar no mundo dos versos e, talvez, tornar-se poeta, assim como o amigo Neruda. Então, Skármeta (1985) apropria-se, também, da fonética para propor harmonia e rima, como no trecho a seguir,



mostrando que o pensamento de Mario acompanhava os versos que o personagem tanto admirava:

As gargalhadas dos pescadores explodiram tão rápidas como o rubor em sua pele: sentiu-se atorado, tarugado, asfíxiado, conturbado, atrofiado, tosco, grosso, encarnado, escarlata, carmesim, vermelho, vermelhão, púrpura, úmido, abatido, aglutinado, terminal. (Skármeta, 1985, p. 42)

Nesta análise, portanto, vimos que ao tornarem Neruda e Gonçalves Dias personagens centrais de obras pós-modernas, Antonio Skármeta e Ana Miranda oportunizaram uma nova leitura da história de seus países, reconstruída a partir da história de dois de seus mais importantes escritores, que saem do imaginário histórico-poético e ganham uma corporalidade subjetiva graças a um criativo processo de ficcionalização. Os autores demonstram, deste modo, que a história não possui uma versão acabada e definitiva. Essa é uma das principais funções do pós-modernismo na literatura: propiciar o reconhecimento de uma nova e inacabada história, que se renova e aparece, em forma de reflexão, na sociedade atual; em que o leitor é instigado a sair da zona de conforto e a questionar as versões unificadas (e oficiais) do passado.

## Conclusão

As duas obras em questão colocam em cena a produção literária de dois grandes poetas, Pablo Neruda e Antonio Gonçalves Dias, por meio de um novo olhar, em que a ficção redimensiona o passado, reelabora a história. Ambos, ao logo de suas vidas, demonstraram sensibilidade e interesse a causas marginais, pois suas poesias não foram apenas líricas, delirantes e enamoradas. Foram isso e muito mais: foram contestatórias,





exemplos de que a literatura ultrapassa a narrativa textual e ganha caráter ideológico, expondo injustiças e oportunizando reflexões que, infelizmente, permanecem atuais.

Ao tornar Pablo Neruda e Gonçalves Dias personagens centrais dessas obras, Antonio Skármeta e Ana Miranda oportunizaram uma nova releitura da história, demonstrando que a mesma não possui uma versão finita, acabada, pois se renova e aparece, em forma de reflexão, na sociedade atual; instigando o leitor a questionar as versões unificadas (e oficiais) do passado, em que observamos a função da metanarrativa em romances históricos.

A partir da presente análise, ficou evidente a presença do discurso histórico voltado à América Latina nas duas obras. Em *Ardente Paciência*, também é possível observar a realidade instaurada na década de 1960, marcada por sinuosos golpes de Estado. Ainda nesse sentido, *Dias e Dias*, por sua vez, elucida aspectos sociais e a influência do eurocentrismo em países colonizados, como é o caso do Brasil – especialmente, temas ligados a desigualdades e à mestiçagem.

Em *Ardente Paciência* e em *Dias e Dias*, a relação dos poetas com os personagens fictícios, Mario e Feliciano, desperta amor e amizade no enredo dos dois romances. O caráter transformador da presença dos escritores na vida dos personagens fictícios, demonstra a força social da literatura lançada à sociedade marginalizada, em que até o mais humilde dos homens, a mais ingênua das meninas, ou no solo mais arenoso e infértil, é possível nascer a reflexividade enunciada pelo signo poético.

Assim sendo, a análise comparatista das duas obras representa um valioso exercício para o debate sobre as características pós-modernas na literatura, especialmente à história social e política da América Latina, aqui representada por Brasil e Chile, a partir dos dois romances históricos supracitados. Eis, portanto, a relação da



literatura com a história, em que poetas-personagens e suas históricas convergem com a história das suas nações, dando voz a discursos e realidades silenciadas.

## Referências

- ANDERSON, Perry. *Trajetos de uma forma literária*. Tradução de Milton Ohata. Revista *Novos Estudos*, do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP). Março de 2007, nº 77.
- BOTOSO, Altamir. *Pós-modernidade e literatura na América Latina*. Revista *Travessias*, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), v. 5, n. 1, 2011.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 2000.
- COUTINHO, Eduardo F. *Literatura comparada na América Latina: ensaios*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- MIRANDA, Ana. *Dias e Dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno. In: \_\_\_\_\_. *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Do pós-moderno ao pós-colonial: além de um e de outro. Conferência de abertura do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, setembro de 2004.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez Editora, 1995.
- SKÁRMETA, Antonio. *Ardente Paciência*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.



## The problematization of history in postmodern romances: marginal voices in "The Postman" and "Days and Days"

Jozieli Camila Cardenal

Centro Universitário de Pato Branco - UNIDEP

Wellington Ricardo Fioruci

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

### Abstract

From this comparative analysis, we analyze the main literary aspects that characterize the romance "The Postman" (1985), by the Chilean author Antonio Skármeta, and "Days and Days" (2002), by the Brazilian author Ana Miranda. These are postmodern works that represent contemporary historiography, in historical discourse and the memory of important moments of Latin America, regarding Brazil and Chile. By associating fiction and reality, through nonfiction characters Pablo Neruda and Antonio Gonçalves Dias, the authors gave voice to marginalized groups and revisited the literary past of their nations, showing the social, political and contestatory character present in Literature. This article brings two perspectives that are on the margin: the characters Feliciano (Days and Days) and Mario (The Postman).

**Keywords:** Literature. Postmodernism. Marginalization. Latin America.



## Un fantasma y dos obras: las estrategias narrativas en *O Beijo da Mulher Aranha* y *O Fantasma de Luis Buñuel*

Jozieli Camila Cardenal  
Centro Universitário de Pato Branco - UNIDEP  
Wellington Ricardo Fioruci  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

### Resumen

A partir de este estudio comparativo, señalaremos los principales aspectos literarios que caracterizan las novelas "Ardiente Paciencia" (1985), del chileno Antonio Skármeta, y "Días e Días" (2002), de la brasileña Ana Miranda. Se trata de obras posmodernas que dialogan al mismo tiempo con la historia de América Latina y su tradición literaria, ya que revisitan momentos importantes en la memoria de Brasil y Chile. Al asociar ficción y realidad, a través de Pablo Neruda y Antonio Gonçalves Dias, los autores dieron voz a grupos marginados y redimensionaron el pasado literario de sus naciones, explorando lo social, político y de contestación inherente a la literatura. Así, este artículo trae las perspectivas marginadas de los personajes Feliciano (Días y Días) y Mario (Ardiente Paciencia).

**Palavras clave** Literatura. Posmodernismo. Marginación. América Latina.